

A VISÃO SOCRÁTICA SOBRE A EDUCAÇÃO

Jorge Antonio Vieira *
Alexandro Aparecido Salgado *

VIEIRA, J. A.; SALGADO, A. A. A visão socrática sobre a educação. *Akrópolis*, Umuarama, v. 14, n.º. 1: jan./mar., 2006.

RESUMO: O objetivo deste trabalho é apresentar a didática sofista apenas como uma técnica de eloquência e um ensino relativo. No ensejo analisar o relevante método socrático como uma diretriz oferecida aos docentes que não almejam apenas um ensino técnico e unilateral para seus alunos, isto é, ao contrário, buscam uma maneira de instigar os discentes a desconfiarem dos conceitos tradicionais e conseqüentemente buscarem um saber concreto, uma definição de verdade mais completa. Através dos diálogos socráticos colaborar na responsabilidade dos formadores de opiniões de crianças e jovens, direcionando assim, o processo de construção do saber e da formação humana.

PALAVRAS-CHAVE: Educação. Maiêutica. Autonomia. Eíálogo.

THE SOCRATIC VIEW CONCERNING EDUCATION

ABSTRACT: This article aims to present the Sophist didactics only as an eloquence technique and relative teaching. It does not present to itself the opportunity to analyze the relevant Socratic method as a guideline for educators who do not aim a rather unilateral and technical teaching to their students, however, searching for a way of instigating them to suspect traditional concepts, and, consequently, search for the real knowledge, that is, a more fully definition of truth. These Socratic dialogs foster the responsibility of opinion makers upon children and youngsters, thus, leading to a knowledge building-up process and human formation.

Introdução

O problema da Paidéia (educação) é de fato, difícil de definir como outros conceitos de grande amplitude como filosofia e cultura. O conteúdo histórico apresentado nos permitirá analisar a educação sofisticada de Atenas. Esses profissionais se apresentavam como mestres, sábios, especialistas, faziam de seu saber um subsídio profissional trazendo para seus ouvintes um aprendizado técnico que buscava ofuscar o verdadeiro e reforçar o falso. Os mesmos optavam aos critérios relativistas, convencionalistas e céticos. Esses homens (sofistas) sendo prostitutos de conhecimentos, não eram capazes de encontrar respostas realmente seguras ou completamente definitivas.

Diferente dos sofistas, Sócrates assumindo a máxima do conhece a ti mesmo, elaborou seu próprio método de investigação, isto é, a partir da ironia e maiêutica, era despertava em seus interlocutores a busca pelo conhecimento. A importância do tema proposto à pesquisa, está no fato da educação socrática ser a melhor forma de educar as pessoas que, por si próprias buscam a verdade e ao conscientizarem-se, libertam-se da ignorância.

Portanto, a finalidade de focar o prisma socrático sobre a educação, o presente tema, procura abandonar o modo técnico de ensinar, e mostra que a verdadeira educação é aquela que conduz o educando a uma reflexão conscientizadora, uma vez que, o correto modo de educar eficientemente o aluno, é a formação no qual o possibilita refletir, pensar criticamente, e após o método de investigação, edificar uma postura autêntica, crítica e autônoma.

I. A paidéia grega

“Tendo em vista que a palavra Paidéia não é apenas simples nome simbólico, é também um tema difícil e denso de ser definido.” (JAEGER, 1989, p.177) O seu conteúdo pedagógico é contemplado não com a visão do cidadão moderno, mas sim com o vasto olhar do homem grego. Não obstante, as designações que a modernidade atribui ao conceito de Paidéia, são: civilização, tradição, cultura ou “educação que do latim educare”, porém, não coincide conforme aquilo que os gregos compreendiam por Paidéia. (FERREIRA, 1986, p.619)

Os gregos não tinham um conceito unilateral de tais termos, mas sim um conceito amplo da cultura em que viviam. Tal cultura é entendida como conjunto de conhecimentos, crenças e comportamentos tradicionais em uma determinada sociedade. Em sentido geral, cultura possui o significado de valor. “Filosoficamente, cultura é o estado de um espírito cultivado pela instrução”. (LALANDE, 1993, p. 222) Cultura em um termo mais remoto, significa a “formação do homem” porém o termo cultura não exerce o verdadeiro sentido da palavra Paidéia. (CLÉMENTE, 1999, p.80)

Os gregos denominaram como Paidéia a educação devida a boas artes, ou seja, a poesia, oratória, literatura, ginástica, filosofia, música, etc. Na antiguidade grega, o termo Paidéia era entendido como formação:

O termo Paidéia que nas suas origens e na sua acepção comum, indica o tipo de formação da criança (pais) mais idôneo e fazê-la crescer e tornar-se homem, assume pouco a pouco nos filósofos o significado de formação, de perfeição espiritual, ou seja, de formação no seu mais alto valor. (REALE, 1995, p.194)

* Acadêmico do curso de História da UNIPAR, Umuarama – PR.

Pode-se afirmar que os gregos entendiam o termo Paidéia, como a formação da perfeição humana, no qual havia uma educação ampla do homem. A poesia, a música e a ginástica se constituíam para o bom desempenho do corpo e da alma, com objetivo de plasmar o homem com “uma mente sã e um corpo são”. (REALE, 1995, P194) Sobre este assunto, Platão em sua obra A República, apresenta através de diálogo, a mais bela descrição desse tipo de educação:

Sócrates – mas que educação lhes proporcionaremos? Será possível encontrar uma melhor do que aquela que foi descoberta ao longo dos tempos? Ora para o corpo temos a ginástica e para a alma, a música. **Adimanto** – Certamente. **Sócrates** – não convém começarmos a sua educação pela música em lugar de ginástica? **Adimanto** – Sem dúvida. **Sócrates** – Tu admites que os discursos fazem parte da música ou não? **Adimanto** – admito. **Sócrates** – e existem dois tipos de discursos, os verdadeiros e os falsos? **Adimanto** – sim, existem. Ambos entrarão em nossa educação ou começaremos pelos falsos? **Adimanto** – não estou entendendo. **Sócrates** – nós não começamos contando fábulas às crianças? Geralmente são falsas, embora encerrem algumas verdades. Utilizamos essas fábulas, embora encerrem algumas verdades. Utilizamos essas fábulas antes de levá-las ao ginásio. (PLATÃO, 1997, p. 64)

Percebe-se que é exposta uma educação relativa, proporcional, no qual começava primeiro com a música e fábulas, para depois levá-las ao ginásio e é justamente nesta etapa infantil que acontecia a modelagem, uma vez que, a essência da educação consistia na moldagem dos indivíduos. Com esse critério de ensino, era praticada a devida educação que se pretendia ser impressa na criança. “A educação não é uma prioridade individual, mas pertence por essência a uma comunidade”. (JAEGER, 1989, p.03)

A educação antiga não foi vista de forma egocêntrica, onde somente o particular tinha participação e a recepção de um aprendizado, pelo contrário, tinha e tem como primazia pertencer a um conjunto, a uma coletividade, a um grupo humano, pois é justamente no homem social que se encontra toda a fonte racional do aprendizado. A educação pertence a uma sociedade organizada, e esta é sempre o resultado de vários anos de aprendizagem coletiva. Quando a criança inicia o seu processo educacional, a mesma não percebe que o novo para ela, já é experiência passada a um todo social.

Portanto, todo aprendizado que uma comunidade faz ao longo de seu processo histórico, será transmitido não só ao seu individual, mas a várias pessoas que futuramente propagarão e praticarão coletivamente a Paidéia recebida na infância. Com o surgimento da filosofia e a democracia na Grécia, aconteceu uma modificação em relação à Paidéia grega. Assim sendo, com os sofistas, surgiu um diferente modo de educação, cujo papel tecnicista era impor a filosofia persuasiva como força essencial na vida social do cidadão ateniense.

II. A educação sofisticada dos sofistas, os fundadores da ciência da educação

No século V a.C., na Grécia, os sofistas passavam de cidade em cidade ensinando suas técnicas sistemáticas àqueles que lhes retribuíssem financeiramente. Em princípio, os sofistas eram profissionais que se apresentavam como mestres, sábios, especialistas, etc. Esses especialistas faziam daquilo que sabiam, a sua profissão. Sofistas são aqueles que fazendo uso de seu raciocínio, buscando por um lado, enfraquecer e ofuscar o verdadeiro, e por outro, reforçar o falso, revestindo-o de supostas verdades, no qual subliminarmente são falaciosas.

Os sofistas eram relativistas, convencionalistas e céticos. No relativismo, destacou-se Protágoras:

Eu Protágoras afirmo, sim, que a verdade é extremamente como escrevi: que cada um de nós é a medida das coisas das que são e que não são; mas há uma diferença infinita entre homem e, justamente por isso, as coisas aparecem e são para um de um modo, para outro de outro. (REALE, 1995, p.205)

Percebe-se que, para este sofista, o homem como particular ou como membro de uma sociedade, possui subjetivamente uma distinção, interpretação relativa daquilo que lhe aparece, ou seja, “de todas as coisas o homem é a medida”. (Idem, p.205)

Sendo assim, o conhecimento sobre certo e o errado, o bem, e o mal sempre teria que ser examinado de acordo com as próprias necessidades do homem, isto é, cada homem por meio das suas diferentes compreensões, seria a medida de todas as coisas. O homem, sendo a medida de todas as coisas, possui opiniões peculiares. Com isso, os verdadeiros sábios não são os que conhecem de forma absoluta os valores, mas sim de maneira relativa. Era mais conveniente e útil, pois ao redor de cada coisa moravam compreensões e não uma compreensão.

Os sofistas eram céticos porque não acreditavam que existia uma verdade, para eles, tudo era falso. De forma alguma poderia existir uma verdade e mesmo se existisse não seria possível conhecê-la e muito menos comunicá-la. Para os sofistas, em outras palavras, não era possível encontrar respostas realmente seguras e definitivas. Os sofistas eram convencionalistas, uma vez, que, sua educação não consistia em defender uma verdade universal, mas sim, uma verdade restrita, ou seja, uma afirmação que correspondesse a uma cultura ou um costume de uma determinada região. O convencionalismo não é um dogma que dura eternamente, mas o contrário. Para os sofistas, não existia em sua educação uma verdade, um ensino válido em qualquer lugar. A educação sofisticada era uma constante vicissitude.

Assim sendo, com a crise da aristocracia e com o surgimento da democracia, os antigos valores éticos caíram por terra. Com isso a antiga compreensão da Paidéia grega, começou a tomar um outro rumo. Os jovens, nessa época de democracia, sentiam instigados a alcançar cargos públicos.

¹ Disponível em: www.educ.fc.pt.ul/docentes/opombo/hfe/sofistas/htm / Acessado em 30/07/03.

“Situado no coração de Atenas, o homem quer vencer na vida política, quer fazer valer seus interesses ou convicções, quer ganhar um lugar de destaque, quer ser governante e ceder ao poder”¹.

O indivíduo, não almeja mais a satisfação poética e física, mas uma posição pública, porém, para que houvesse êxito na política, era necessário ter uma boa eloquência, a arte falar de bem, encantar os auditórios com discursos bem formulados, para que desse modo, os argumentos pudessem convencer e fazer valer. Essas eram as habilidades fundamentais para poder lograr cargos e poderes públicos da época. No entanto, era necessário um domínio da oratória, para transmitir os devidos conhecimentos requisitados aos candidatos políticos, e quem possuía essas habilidades, eram os sofistas. Justamente nesse momento surgiu uma nova equipe de educadores, que através de dinheiro, ofereciam o ensino técnico, ou melhor, “vendiam como comerciantes” essa técnica a quem procurava adquiri-la. (PLATÃO, 1987, p.140)

Era mais uma classe de profissionais com recursos de origem duvidosa, que ensinavam os indivíduos a terem sucesso político, por meio da persuasão e outras áreas, como a retórica, gramática, etimologia, e história. Como nessa época os jovens começaram a se interessar pelo poder político, os sofistas concentraram-se em treinar os jovens a persuadirem as multidões e fazê-las acreditar em qualquer tipo de discurso que fizessem, até mesmo, os mais falaciosos.

Os sofistas foram considerados os fundadores da ciência da educação. O método em dotar os jovens de atributos eloqüentes, era a chave para conquistar o sucesso na vida política. O objetivo dessa educação não era tanto formar a consciência do educando para um ideal comunitário, mas sim eram proporcionados os requisitos para que através da persuasão, destacar-se-ia dos outros.

Sendo assim, os sofistas utilizando esse perfil tecnicista, levavam sem escrúpulo àqueles que os remuneravam, a alcançar o poder público o qual ambicionavam.

A crítica socrática: Sócrates e os sofistas

Sócrates viveu em Atenas, no século de Péricles. Sofronisco seu pai exercia a profissão de escultor, sua mãe trabalhava como parteira. Sócrates comparou seu modo de filosofar à profissão que sua mãe realizava, porém a diferença era que “ela fazia o parto dos corpos, e ele o das almas”. (CHAUÍ, 1995, p.178) O educador Sócrates, perante a acusação de corromper os jovens, sempre afirmou que “jamais se arrogaria à pretensão de educar os homens”, pois ao fazer essa observação, referia-se a educação tecnicista dos sofistas. Sócrates nunca julgou ser um professor, mas, efetivamente esteve “na busca do verdadeiro mestre, sem jamais encontrar”. (JAEGER, 1989, p.385) Sócrates, de modo algum, gabou-se de sua sabedoria ou até mesmo nem se considerava um formado:

Eu nunca fui mestre de ninguém, conquanto nunca

me opusesse a moço ou velho que quisesse ouvir no desempenho de minha tarefa. Tampouco falo se pagam e se não me pagam, não; estou igualmente à disposição do rico e do pobre, para que me interroguem ou, se preferirem ser interrogados, para que ouçam o que digo. (PLATÃO, 1987, p.18)

Percebe-se que, Sócrates sempre esteve pronto para dialogar com moços e velhos, não havia restrição. O que se destacava era o seu desempenho em cumprir a sua tarefa de ensinar, mesmo não assumindo esse papel. Nesta última citação, é possível nitidamente ver a crítica que Sócrates faz indiretamente aos sofistas, onde esses, usando de sua inteligência, retiravam dinheiro de seus educandos, que por sua vez eram todos de classe alta. Já Sócrates, sempre esteve a ensinar o rico como também o pobre, não havendo distinção entre seus educandos. Procurava ensinar a todos a buscar uma verdade através de seu método educativo.

Segundo Marilena Chauí, Sócrates critica os sofistas por fazer de sua educação um escambo financeiro, pois com isso perdiam sua autonomia.

Sócrates critica a perda de autonomia daquele que passa a agir conforme a vontade de quem lhe dá o pagamento. Também o critica porque impõe a heteronomia aos alunos: apresentando-se como mestre que tudo ensina, não os deixa pensarem por si mesmos. E, finalmente, o critica porque ensina apenas técnicas de combate verbal e, portanto, uma relação de violência recíproca, para que vença o mais forte e não a verdade, comum a todos. (CHAUÍ, 1995, p.202)

O educador Sócrates faz essa crítica porque quando os sofistas ao serem remunerados não agiam por si mesmos, com “autonomia”² referente ao que ensinavam, ou seja, não eram originais, prostituíam-se por dinheiro. Além disso, não ensinavam o educando a pescar, mas sim lhe davam os peixes. Em outras palavras, através desse ensino técnico, não deixavam seus educandos a pensarem por si mesmos, sendo assim, o que ensinavam eram técnicas para poderem combater verbalmente os seus adversários.

É bom ressaltar que nessa educação sofística vencia o mais forte em persuasão e não a verdade, haja vista que, para eles “tudo é por convenção e tudo é opinião”, em outras linhas, “tudo é tal como nos parece”, isto é, o não e o sim dependiam apenas de fortes argumentos para persuadirem alguém, não havia porque buscar a verdade. Diferente dos sofistas, Sócrates separa opinião e verdade, aparência e realidade”. Assim sendo, é nisso que consiste a sua busca em alcançar algo muito mais precioso que as opiniões e as aparências, ou seja, uma busca constante da verdade. (CHAUÍ, 1995, p.188) Em suma, “Sócrates compara a sofística à arte da cozinha que procura satisfazer o paladar, mas não se preocupa se os alimentos são benéficos”, caso satisfaça o paladar, não é necessário saber se sua composição é boa ou prejudicial. (ABUZZI, 1992, p. 134)

² Autonomia, do grego *autonomos*. Aquele que se governa de suas próprias leis, cfr (FERREIRA, 1986) p.2003

III. A visão socrática sobre a educação

Sócrates: o educador

O educador Sócrates sempre residiu em Atenas. Passou a maior parte do tempo ensinando em lugares públicos, como praças, mercados e ginásios. Sócrates nunca assumiu sua postura de professor, ou até mesmo o grande mestre, porém foi “o mais espantoso fenômeno pedagógico da história do Ocidente”. (JAEGER, 1989, p.354)

Vários comentaristas intitularam-no como filósofo, “outros como mártir, herói, educador ou ainda de grande mestre. A opção preferida dos filósofos e educadores tem sido a de grande mestre”³. Esse grande mestre divergia dos sofistas. “Diferentes dos sofistas, Sócrates não se apresenta como professor. Pergunta, não responde, indaga, não ensina. Não faz preleções, mas introduz o diálogo razão como forma de busca da verdade”. (CHAUÍ, 1995, p.188) Na medida em que contestava o relativismo, o ceticismo e o convencionalismo, não usufruía financeiramente de seus alunos.

Sócrates, enquanto mestre, tinha nas mãos potentes ferramentas para a construção alicerçada de um saber. Ele as usava como presas, sem impressões e sem terrorismo. Esse grande mestre, não passava simplesmente informações ou avaliava seus educandos dando-lhes notas. Primeiramente ele despertava o interesse em seus interlocutores para sua auto-educação que adiante trataremos melhor, motivando-os ao aprendizado, ou seja, o educador e o educando caminhavam juntos, para o descobrimento de uma verdade.

Sua pedagogia consistia em desenvolver no seu educando a capacidade de pensar. Não pensava por seu educando, mas sim ensinava seu aluno a conhecer o verdadeiro. Sócrates, não procurava dar ou impor as respostas já elaboradas e acabadas ao seu interlocutor. Sua pedagogia tinha como objetivo levar o educando; caminhar junto com o aluno a um descobrimento de respostas alicerçadas e que pudessem de fato ser assimiladas. Sua educação não era comportamentalista, onde o interlocutor era tecnicamente manipulado ou coagido a seguir um método imposto que modelava terrivelmente o discente, não o deixando discordar do conteúdo ou até mesmo contestar tal assunto.

Dei a explicação que melhor me pareceu. Se te parece que não falo certo, debes tomar a palavra e convencer-me do contrário. Todavia quando dois amigos, como eu e tu conversam, a resposta deve ser dada com maior doçura e mais de acordo com o espírito da conversação. (PLATÃO, 1880, p.72)

O aluno era de certa forma, estimulado a pensar por si mesmo. Possuía a liberdade de discordar e argumentar. A educação era humanista, pois era dada uma abertura ao aluno de poder expor também sua idéia voluntariamente.

Educar para pensar

O que é educar?

Do latim “educare significa extrair as sementes de dentro, desenvolver a capacidade, ter meta dentro de si”⁴.

Educar é alcançar a pessoa naquilo que lhe é mais específico, no seu ser-humano, isto é, na sua intelectualidade, na sua afetividade, nos seus hábitos, para levá-la à realização de um ideal. Educar é um processo de construção que concretiza e, ao mesmo tempo, impulsiona uma imagem ideal ou projeto do homem. (GILES, 1983, p.27)

Educar tem como objetivo “formar o homem de acordo com a concepção que se tem da sua natureza e dos valores que o devem orientar”. (CABRAL, 1989, p.23) Em Sócrates, educar é justamente extrair de dentro do discente a sabedoria. Nessa educação podemos compreender que era um caminho que visava a saber retirado de si próprio. Era uma busca digna de ser realizada, uma vez que não almejava a imposição de um saber técnico, mas a imposição de não aceitar saberes que provinham de outros, ao invés de si mesmos.

Uma das grandes qualidades da educação socrática era a autonomia do aluno. O mesmo possuía autenticidade ao se auto-educar. Na educação socrática, o educando continuava sendo o mesmo, antes e após os diálogos socráticos. Esta educação consistia em libertar o interlocutor de pensamentos não verdadeiros e inadequados. No entanto, o caminho para o progresso da verdade era realizado não só pelo educando, mas também pelo educador. E o educar de Sócrates conduzia seu discípulo a amadurecer o que pensava saber. Assim, nesta relação autônoma de docente e discente, o educando ampliava sua visão em relação ao que pensava saber.

A pedagogia socrática tinha a finalidade de conscientizar seus alunos para a realização de uma libertação de falsas idéias. Educar bem, não era impor aos educandos o conhecimento. Sócrates, utilizando-se de seu método, simplesmente retirava desses o próprio conhecimento. Como parteira, retirava o que já estava dentro do educando. Era um nascimento de idéias autônomas.

Sócrates procurava conduzir o educando (jovem, velho, estrangeiro, escravo), a libertar-se da ignorância e isso era um grande bem nessa formação. Em busca dessa postura, Sócrates motivava o aluno a pensar, a raciocinar. Portanto, a filosofia educativa de Sócrates, almejava a “didática que vai do saber ao não-saber, do senso ao não senso, da ignorância ao saber”. Educar bem, não consiste em “oferecer soluções já prontas, isentas de todo questionamento”, mas sim em poder gerar questões e buscar as soluções. (GILES, 1983, p.04).

Em suma, o educar socrático levava o educando à consciência de poder ser mais, a reconhecer que é chamado a conceber um conhecimento verdadeiro e a isentar a sua insipiência. Sua arte de educar não era simplesmente transmitir conhecimentos ao interlocutor, mas sim em capacitar o discente a buscar uma verdade, por meio de sua própria arte de pensar. O educando era coagido a usar sua

³ Disponível em: www.mundodosfilosofos.com.br/socrates / Acessado em 26/09/03

⁴ Disponível em: www.unir.br/~primeira/artigo_97.htm / Acessado em 26/09/03

faculdade intelectual, pois deveria lograr plenamente de sua autonomia.

Para Sócrates, o conhecimento visa a verdade, que é uma só, eterna, imutável, igual para todos. O seu objeto é buscar a essência que nos abre o caminho para a ciência.

IV. O método pedagógico

a) O não saber socrático

Sócrates, antes de iniciar a refutação e argumentação com o aluno, assumia freqüentemente sua ignorância.

Na realidade, confesso-te que não sei nem se a virtude pode ser ensinada, nem se não pode; para dizer tudo não sabe sequer o que é virtude? Eu pelo menos, estou nessas condições. Encontro-me na mesma miséria que meus concidadãos, e confesso que nada sei sobre a virtude. (PLATÃO, 1880, p. 65-66)

Sócrates sempre assumiu que “nada sabia”, ou seja, a sua sabedoria estava na humildade de reconhecer conscientemente a própria ignorância. Com isso, foi “que o Oráculo de Delfos considerou Sócrates o homem mais sábio dentre os mortais”. Nesse sentido, aquele que assumia que sabia, na verdade não sabia. Assim sendo, o mestre Sócrates assumindo sua posição de insipiente, procurava com o educando o caminho para a verdade. Nunca se cansou de instigar no outro a busca incessantemente de verdade e não das verdades. (CLARET, 1996, p.24-25)

E se algum de vós redargüir que se importa, não me irei embora deixando-o, mas hei de interrogar, examinar e confundir e, se me parecer que afirma ter adquirido a virtude e não a adquiriu, hei de repreendê-lo por estimar menos o que vale mais e mais o que vale menos. É o que hei de fazer a quem eu encontrar, moço ou velho forasteiro ou cidadão, principalmente aos cidadãos, porque me estais mais próximos no sangue. (PLATÃO, 1987, p.14)

Percebe-se que Sócrates, sempre se fazia dialogar com quem lhe dirigisse a palavra. Nessa citação podemos ler nas entrelinhas, o método educativo que elaborou. O principal instrumento desse método é o diálogo que praticava invariavelmente, todo o dia, em círculos fechados ou abertos. Sócrates estando com velho, forasteiro ou cidadão, adotava o diálogo, que revestia uma dúplice didática: quando estava com o adversário o refutava, quando estava com discípulo, o instruía. É evidente que Sócrates foi um grande insistente nos objetivos que almejava. Quando o interlocutor não alcançava a auto-educação, o educador não se cansava de voltar a dialogar e repreendê-lo naquilo que pensava dar mais valor ao que realmente não tinha tanto mérito. O método socrático levava o interlocutor a procurar uma verdade daquilo que se discutia. Como no discurso do diálogo Menôn, não bastava simplesmente descrever as diversas virtudes, mas saber a essência da virtude.

Sócrates por meio de sua pedagogia fazia desmascarar as idéias falaciosas, que pensava ser

tautológicas. Portanto, para que esse objetivo educacional fosse alcançado, havia todo um processo que quem discutia com o educador Sócrates, deveria de forma natural realizar. Havia um caminho didático e elaborado, que era aplicado àqueles com quem dialogava:

Motivo pelo qual a primeira tarefa do diálogo socrático é fazer com que cada um descubra sozinho que aquilo que julgava se a idéia da coisa (o saber que julgava possuir) era apenas uma imagem dela, que aquilo que julgava ser a idéia da coisa apenas uma sobre ela, e que aquilo que julgava ser verdades eram somente preconceitos sedimentados pelo costume. (CHAUI, 1995, p.188)

Sócrates percebeu que as pessoas seguiam verdades impostas por uma determinada cultura, valor este que não havia uma absoluta afirmação verdadeira e válida para todos. Muitos pensavam que sabiam o que era, por exemplo, virtude, mas diante de tantas evidências colocadas pelo educador, através de suas interrogações, o interlocutor sem perder sua autonomia, descobria que aquilo que pensava saber sobre virtude na verdade não era. Aqueles que pensavam saber sobre coragem, amizade, beleza eram surpreendidos pela metodologia socrática que o que sabiam e o que pretendiam fundamentar, não eram fundamentos verdadeiros e evidentes, mas sim saberes que a própria cultura da época ensinava. Assim, o discente, sendo acompanhado pelo docente Sócrates e estando no caminho pedagógico, descobria que suas verdades eram simplesmente conceitos subjetivos e fundamentados por aquela determinada cultura ou época.

Nessa pedagogia socrática, havia todo um estratagemas no qual o objetivo consistia em libertar o conhecimento das opiniões e purificá-las da ignorância e contradições. A relevância pedagógica desse método apresenta-se com as seguintes características: a ironia e a maiêutica, que em seguida abordaremos.

b) A ironia socrática

Sócrates elaborou seu próprio método de educação. Esse método possuía duas características. A primeira característica do método socrático é “a ironia do grego eirôneia, que significa ação de interrogar”. (CIÉMENTE, 1999, p. 204)

A ironia é uma espécie de simulação, mas, em Sócrates, ela tem a finalidade de pôr a descoberto a vaidade, de desmascarar a mistura e de seguir a verdade. Atacando a vaidade, as reputações enraizadas e os cânones oficiais, a ironia socrática tem muitas vezes uma aparência negativa e revolucionária; parece ameaçar as opiniões coerentes e os valores consagrados; é cheia de irreverência. Mas a ironia socrática não tem a finalidade de desprezar os valores mais altos, mas de provar sua autenticidade. Quando se finge de ignorante, tem a mira de discernir as aptidões; é um método de análise crítica, mas, também e, sobretudo um método pedagógico. (MONDIN, 1981, p.47)

Como já vimos, Sócrates ao dialogar, sempre

assumiu plenamente sua humildade de nunca ser o dono da verdade. A partir disso, interrogava seus interlocutores sobre aquilo que pensavam saber sobre virtude, amizade, coragem e outros temas. No decorrer do diálogo, demolia de modo implacável as respostas de seus educando. Procurava semear dúvidas dentro das respostas fornecidas, ou seja, fazia surgir novos problemas a cada resposta concebida. Exemplos nítidos têm na República de Platão livro I, onde Sócrates fazia das respostas de Polemarco, novas questões:

Sócrates – Portanto, se alguém lhe perguntasse: Ó Simônides, a quem e o que dá de devido e conveniente a arte que é denominada medicina? Em teu entender, que resposta ele daria?

Polemarco – Evidentemente, que dá remédios, alimentos e bebidas aos doentes. **Sócrates** – E a quem dá o que é devido e próprio a arte da culinária?

Polemarco – Temperos aos alimentos.

Sócrates - Certo. Agora, a quem e o que dá arte chamamos de justiça?

Polimarco – De acordo com o que afirmamos anteriormente, ela dá benefícios aos amigos e prejudicar os inimigos?

Sócrates – Logo, o que Simônides entende ser justiça é ajudar os amigos e prejudicar os inimigos?

Polemarco – É o que me parece.

Sócrates – E quem tem mais possibilidade de ajudar os amigos que sofrem e prejudicar os inimigos, no que concerne a doença e a saúde?

Polemarco – O médico.

Sócrates – E aos governantes, relativamente aos perigos numa viagem no mar?

Polemarco – O piloto.

Sócrates – E quanto ao homem justo? Em que circunstância e como ele pode ajudar os amigos e prejudicar os inimigos?

Polemarco – Penso que seja na guerra, lutando contra uns e aliando-se aos outros.

Sócrates – E o homem justo, seria igualmente inútil para aqueles que não estão guerreando? (PLATÃO, 1997, p.11-12)

Percebe-se que as características essenciais do método socrático são as interrogações que atacam de modo implacável as respostas de seus receptores. A ironia socrática tinha justamente a finalidade de questionar e levar o educando a pensar, de forma que por si próprio, buscava o sentido de tantas refutações e de tantas perguntas.

A partir das interrogações incessantes, o educador Sócrates fazia com que o interlocutor pudesse destruir suas pré-compreensões que julgava saber, isto é, (o discente diante de tantos questionamentos) ficava completamente confuso a ponto de assumir que o que julgava saber, não sabia. Esse passo é a fase que o interlocutor logrando de sua própria autonomia, assume sua postura e reconhece com toda certeza que os conteúdos usados por ele, não eram realmente certos e evidentes, mas sim que eram de fato conceitos falsos e enganosos:

Ménon – Sócrates! Já muito tempo, antes de conhecer-te pessoalmente, eu sabia que nada mais fazes do que duvidar e despertar dúvidas no espírito dos outros! E é por isso que agora, segundo me parece, me tens aqui enganado e enfeitado e embruxado por ti, e cheio de dúvidas! Se me permites uma brincadeira direi que pelo teu corpo e por muitas outras características de teu ser, fica sabendo que és muito parecido com a tremelga do mar: esta, com efeito, entorpece a quem quer que se lhe aproxime e toque e parece que me entorpeceste a mim! Estou na verdade, com o corpo e o espírito entorpecidos, a ponto de não saber absolutamente que o que deva responder-te, eu que já tenho feito mil e um discursos sobre a virtude, muitas vezes, perante muitas pessoas, discursos que não tenho dúvida em dizer que foram ótimos! Mas neste momento estou inteiramente incapacitado de dizer o que é virtude. (PLATÃO, 1987, P.79)

Percebemos a evidência que Sócrates semeava dúvidas nos espíritos dos outros. Como nesta última citação, Ménon considera seu mestre um bruxo que enfeitava seus discípulos deixando-os cheios de dúvidas. O educador por causa de suas interrogações e comentários sobre as opiniões com quem dialogava, é comparado a um peixe cujo nome era tremelga, que produzia descargas elétricas e entorpecia desse modo quem o tocava.

O entorpecedor Sócrates usando de sua conversa fazia com que aquele que estava conversando ficasse incapacitado de responder com exatidão o que se perguntava. Nessa fase do diálogo, a intenção do educador não era propriamente de implodir o conteúdo das respostas que eram fornecidas por seus educandos, mas era fazê-los tomar lucidez das compreensões de suas respostas, que na maioria das vezes, não havia consciência daquilo que se respondia, pois o conteúdo dado não era uma verdade válida, mas era uma definição que foi previamente trazida e colocada ao povo, por uma determinada cultura e costumes.

Em suma, a primeira parte consistia no processo de semear nos interlocutores várias dúvidas que porventura o encaminhava para uma profunda descoberta de sua própria insipiência. Sócrates com suas perguntas deixava embaraçado e perplexo aquele que estava seguro de si mesmo, fazendo ver novos problemas, despertar curiosidades e estimulava a refletir, pensar. Portanto, o educador que pretendia de alguma forma não saber, sabia, e o educando julgando que pretendia alcançar a mais completa da sabedoria, na verdade, não sabia que aquilo que tinha conhecimento era inválido, falso, incerto. O conteúdo que os educandos de Sócrates possuíam era uma subjetividade uma decrépita cultura tradicional.

É com a ironia que o discente é preparado para dar início a segunda fase da pedagogia socrática, ou seja, a primeira parte a semente da dúvida é plantada no receptor, na segunda fase é a germinação desse não saber, que geraria o nascimento de novas idéias, idéias essas que possuirão um valor tautológico e válido. Nos diálogos socráticos percebe-se que somente questões são levantadas, mas não são dadas soluções. O objetivo é colocar o educando no caminho da solução para que ele mesmo a encontre. É bom ressaltar que a pedagogia de Sócrates era uma busca incessante pela sabedoria. O discente era o principal responsável dessa busca,

pois ele sem perder a autonomia se deixava ser ajudado. Assim, ajudado pelo mestre, o interlocutor por si só concebia as respostas. A educação socrática encaminhava o discípulo e não caminhava para o discípulo.

c) Obstetrícia socrática

A obstetrícia socrática é a segunda característica do processo pedagógico, que em memória da profissão materna, denominava ele “maieutica”, do grego maieutikê (arte de dar luz). Sócrates sempre afirmou que sua arte de obstreta assemelhava-se às parteiras, porém, era diferente, porque agia sobre os homens e não nas mulheres. (CLÉMENTE, 1999, p.239) A maieutica designava a forma de interrogação socrática que conduzia o interlocutor a encontrar a verdade através das suas próprias capacidades, sem correr o risco de lhe ser ensinada ou transmitida.

Sócrates sempre insistiu no fato dele mesmo não gerar as dúvidas no interlocutor, esse não era seu objetivo pedagógico, sua finalidade era ironicamente semear e o receptor era incumbido de germiná-la. Sócrates era obstetra e não a gestante. Ajudava a dar a luz, porém não dava a luz. No diálogo socrático a educação deveria desenvolver no receptor a capacidade de pensar, uma vez que, essa educação tinha a primazia da auto-educação ao conhecimento gerado por si só. Nessa segunda fase, o educando liberto da tensão de que aquilo que pensava saber, não sabia, estava agora preparado para iniciar ao caminho da reconstrução e fundamentação de suas próprias idéias.

Essa reconstrução seria de alicerçar as idéias que saíam do próprio interlocutor, isto é, a finalidade da maieutica era ajudar o discípulo a conceber suas próprias respostas. É interessante, que a pedagogia de Sócrates levava o aluno a tirar de si, suas próprias idéias. Sócrates assumia que sua missão vinha de Deus, de ser obstetra, uma vez que gerar era uma “proibição que lhe foi dirigida”. Os seus alunos “não aprenderam nada dele, mas unicamente por si mesmos aprenderam e geraram muitas e belas coisas”. (REALE, 1995, p.314) Sua pedagogia fazia surgir dores de parto em seus receptores:

Portanto confia-te em mim, que sou obstetra e filho de parteira: e o que te pergunto, tenta responder da melhor forma possível. Se, depois examinando as tuas respostas, eu encontrar que algumas são quimeras e não verdades, arranco-as de ti e lanço-as fora, e não te zangues comigo. Não é por maldade que faço isso, mas só porque não considero lícito aceitar a falsidade ou obscurecer a verdade. (Idem, p. 315)

A metodologia fundamentava-se em questões polêmicas, cujas respostas poderiam ser dadas pelo interlocutor da melhor forma possível. O educando respondia como quisesse. Com as respostas, o mestre as analisaria e se por acaso não encontrasse méritos de verdade, as tiraria. Acontecia uma queda de falsos conceitos, somente os verdadeiros permaneciam. O educador não considerava

lícito aceitar a falsidade, e esconder a verdade. Não usava de oratória para obscurecer a verdade e tornar por evidência, a falácia. O que pretendia era permear os diálogos e combater o senso comum. Buscava despertar no aluno o interesse em caminhar para o cerne da sabedoria. Esse trabalho era uma missão dada por Deus: a missão de purificar as almas da insipiência.

d) O conhecimento autônomo

Na filosofia socrática, percebe-se que uma das grandes peculiaridades é a introspecção consciente que o discípulo realizava. Exprime-se no relevante lema socrático: *conheça a ti mesmo*.

Sócrates, em diversas passagens, interpretou sua missão como serviço de Deus e cuidado da alma. A filosofia era, para ele, o caminho da purificação. Cumpria ao filósofo desincumbir-se de seu dever de mestre convertido ao serviço de Deus, ainda que à custa da própria vida. A purificação da alma implicava, todavia, uma condição: o conhecimento de si mesmo, que foi a máxima sobre a qual Sócrates fundamentou toda sua vida de sábio. O perfeito conhecimento do homem o objeto de todas as suas especulações e a moral foi o centro para qual convergiram todas as partes de sua filosofia. (REALE, 1995, p.315)

O grande mestre Sócrates em suas andanças educativas por Atenas, sempre se dedicou a realização de uma missão na qual julgava ser dada por deus. Missão essa que tinha como primazia salvar as almas da ignorância. O caminho que deveria ser seguido para a concretização dessa missão, era a filosofia, onde por meio dela, conduzia o interlocutor para uma purificação das falsas idéias. Idéias falsas que prejudicavam a essência do homem. Essência essa, entendida por alma. “Alma, Sócrates entende por razão”. (Idem, p.315).

Para Sócrates, alma é ou eu consciente, ou seja, a consciência e a personalidade intelectual e moral. Assim o educador com a demolição de falsas idéias, conduzia o educando a ter precisamente consciência racional de si mesmo e sem fazê-lo perder a “autarquia”⁵, por si mesmo reconhecia conscientemente sua própria ignorância. O docente usando a postura de sei que nada sei, caminhava com o discente a estabelecer uma base sólida para o conhecimento que buscavam, um alicerce que segundo Sócrates estaria na “razão do homem”. (REALE, 1995, p.87)

Uma das peculiaridades da filosofia socrática é a introspecção e exprime-se no famoso lema: *conhece-te a ti mesmo*. Através da didática socrática, o discípulo conhecia a si mesmo, ou seja, descobria que não sabia de tudo, e que sabia menos das coisas, uma vez que, quem sabia menos das coisas sabia mais. Sendo assim, Sócrates usando da própria autonomia do educando, o conduzia a um conhecimento verdadeiro e estimulava a conhecer a si mesmo.

É evidente que, se do homem é a alma, cuidar de si

⁵ Autarquia é a condição de auto-suficiência do sábio, a quem basta ser virtuoso para ser feliz. Do grego, autarchía, cfr., (FERREIRA, 1986, P.201)

mesmo significa cuidar da própria alma mais do que do corpo. E ensinar os homens a cuidarem da própria alma é tarefa suprema do educador, precisamente a tarefa que Sócrates considera ter recebido de Deus. E que estou persuadido de que não há para vós maior bem na cidade do que esta minha obediência a Deus. Na verdade, não é outra coisa a que faço nestas andanças a não ser persuadir a vós, jovens velhos, de que não deveis cuidar do corpo, nem das riquezas, nem de qualquer outra coisa antes e mais do que da alma, de modo que ela se torne ótima e virtuosíssima, e de que não é das riquezas que nasce a virtude, mas da virtude que nasce a riqueza e todas as outras coisas que são bens para os homens. (Idem, p.82)

Percebe-se que a maior preocupação deveria ser dirigida a alma do homem. Para Sócrates ensinar os homens a dar mais privilégio a essência, era uma missão suprema a ser cumprida, principalmente com os que residiam em Atenas. O educador insistia em seus diálogos, que o que possuía em mérito maior, não eram as riquezas externas, mas sem escrúpulos, o que deveria ser priorizado na pessoa, era a sua alma.

Nesta pedagogia socrática, somente “o sábio, que sabe dominar os monstros selvagens dos instintos dentro de si próprio, é verdadeiramente autárquico”.(JAEGER, 1989, p.82) O educador levava seu educando ao caminho do autodomínio e autoconsciência de que pensava saber. Em suma, “não é das riquezas que vem a virtude, mas sim da virtude que emanam todas as outras riquezas”. Na visão socrática, “riqueza, poder, fama, saúde, etc., não são considerados bens em si mesmos”. (REALE, 1995, p.89)

Os valores ligados ao corpo e a coisas externas não possuem mérito, mas somente os valores da alma possuem o supremo valor. Os valores tradicionais não possuem valores centrados somente em si mesmos, adquirem valor somente quando são logrados como conhecimento em prol da essência do homem. O verdadeiro conhecimento interno possui relevantes valores. A moral socrática está completamente ligada com a Paidéia, isto é, o indivíduo que cometeu algum dano moral, o realizou por insipiência e não por que quis, pois este não possuía subsídios morais para impedir que esse crime acontecesse.

Assim sendo, sob o prisma da pedagogia de Sócrates existia a exigência de suprimir as prisões. Sendo ignorantes, os criminosos deveriam ser enviados para a escola e não para o cárcere. Percebe-se que aquele que é bem educado não correrá o risco de cair em situações indelicadas e criminosas. A educação lhe dá sábios subsídios para agir em seu convívio social. Em suma, somente o aluno que é consciente e autônomo, não terá má conduta e muito menos será um delinqüente.

Conclusão

No decorrer desta pesquisa, observamos que a pedagogia socrática não trata apenas de um simples modo de ensinar, mas possibilita o caminhar curioso e incessante do aluno a um pensamento no qual faz pensar e conscientizar. Vimos que a educação sofista, tendo sua peculiar forma de colocar os ensinamentos em seus educandos não é uma

metodologia correta de formação.

No âmbito socrático, o educando não recebia os pensamentos, uma vez que o mesmo deveria buscar por estes. Com ousadia e autonomia, conseguia destruir falácias e construir raciocínios corretos, haja vista que não se alcançava uma verdade absoluta ao final do diálogo, mas sempre possuía a conscientização de que muitas vezes pensamos que sabemos a verdade, mas quando caminhamos pelos caminhos pedagógicos de Sócrates, percebemos a presença de nossa ignorância, ressaltando o não conhecimento da verdade.

Com o objetivo de trabalhar a pedagogia socrática, teve-se bom êxito em deixar explícito neste artigo, que a metodologia elaborada e usada por Sócrates possui a forma de poder conduzir o sujeito em sua autonomia ao conhecimento. Por sua vez, a busca por uma verdade, fazia o discípulo acompanhar os raciocínios e sem perder autonomia no diálogo, conseguia derrubar suas verdades e perceber que efetivamente está em busca da sapiência, da sabedoria, da verdade.

Bibliografia

- BUZZI, A. **Introdução ao pensar**. Rio de Janeiro: Vozes, 1992.
- CABRAL, R. L. **Enciclopédia Luso-Brasileira de filosofia**. São Paulo: Verbo, 1989.
- CHAUÍ, M. **Introdução à história da filosofia**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- CLÉMENTE, E. **Dicionário prático de filosofia**. Rio de Janeiro: Terramar, 1999.
- CLARET, M. **Sócrates: vida e pensamento**. São Paulo: Martin Claret, 1996.
- FERREIRA, A. B. de H. **Novo dicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- GILES, T. R. **Filosofia da educação**. São Paulo: EPU, 1983.
- MONDIN, B. **Curso de filosofia**. São Paulo: Paulinas, 1981.
- PLATÃO. **Sofista**. São Paulo: Nova Cultura, 1987.
- PLATÃO. **Defesa de Sócrates**. São Paulo: Nova Cultura, 1987.
- PLATÃO. **República**. São Paulo: Nova Cultura, 1997.
- PLATÃO. **Mênon, Banquete, Fedro**. São Paulo: Tecnoprint, 1880.
- REALE, G. **História da filosofia antiga**. São Paulo: Loyola, 1995. v. 6.

Recebido em: 20/06/06

Aceito em: 21/07/06